

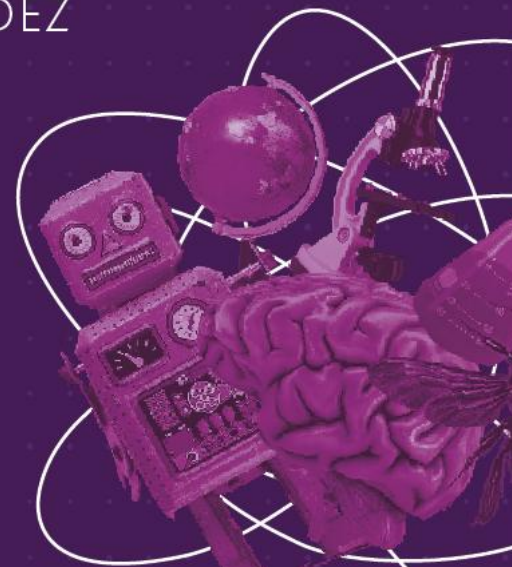
FATORES PSICOSSOCIAIS DE RISCO E DE PROTEÇÃO PARA O COMPORTAMENTO SUICIDA NO CONTEXTO DO ENSINO SUPERIOR

Professor orientador: Carlos Manoel Lopes Rodrigues

Aluna: Isabela Vieira de Assis Pujol Luz

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA PIC/CEUB

RELATÓRIOS DE PESQUISA
VOLUME 10 Nº 1- JAN/DEZ
2024



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

ISABELA VIEIRA DE ASSIS PUJOL LUZ

**FATORES PSICOSSOCIAIS E RISCO DE PROTEÇÃO PARA O COMPORTAMENTO
SUICIDA NO CONTEXTO DO ENSINO SUPERIOR**

Relatório final de pesquisa de Iniciação
Científica apresentado à Assessoria de
Pesquisa e Extensão

Orientador: Carlos Manoel Lopes Rodrigues

Brasília

2025

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu pai, José Roberto Pujol Luz, que além de me ajudar durante todo o processo da pesquisa, sempre foi para mim uma grande inspiração como pesquisador e cientista. Muito obrigada por absolutamente tudo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus pais, Cristiane e José Roberto, que estiveram corrigindo e sempre me ajudando desde o começo do meu projeto e da minha vida, além de me inspirarem como pesquisadores. Ao meu irmão João Victor que esteve sempre me dando apoio. Também quero agradecer ao meu orientador Carlos Manoel por ter acreditado, me inspirado e me acompanhado durante a produção deste projeto, e agora durante meu TCC. E, por fim, aos meus amigos: Eduardo, Francisco, Mikhael e Cecília, minha segunda família, que estão sempre ao meu lado quando eu mais preciso.

Durante a produção deste trabalho passei por diversas dificuldades pessoais e, sem vocês, não teria conseguido chegar até o fim. Muito obrigada por todo o apoio neste último ano!

RESUMO

O comportamento suicida constitui um grave problema de saúde pública e apresenta elevada prevalência entre jovens universitários, especialmente na fase de adultez emergente, marcada por transições e desafios acadêmicos, pessoais e sociais. Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre fatores de risco e fatores de proteção psicossociais e a manifestação do comportamento suicida em estudantes universitários. Participaram 146 estudantes, com idades entre 18 e 63 anos, matriculados em instituições públicas (61,5%) e privadas (38,5%) de diferentes áreas de formação. Os instrumentos utilizados incluíram a Escala de Percepção de Suporte Social, Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse, Escala de Avaliação de Fatores de Risco e Proteção no Ensino Superior e o Inventário de Razões para Viver. As análises foram conduzidas no software R, incluindo análise fatorial confirmatória e modelagem por equações estruturais. Os resultados indicaram índices de ajuste adequados para todos os instrumentos e confirmaram a normalidade multivariada dos dados. O modelo estrutural apresentou bom ajuste ($CFI = 0,94$; $RMSEA = 0,057$) e explicou 44% da variância em razões para viver. Maiores níveis de fatores de proteção, suporte social percebido e idade associaram-se positivamente à variável dependente, enquanto fatores de risco psicossocial tiveram efeito negativo significativo. Os achados reforçam o papel central de variáveis psicossociais como preditores da motivação para viver e destacam a importância de políticas institucionais e intervenções preventivas que fortaleçam recursos protetivos e minimizem riscos no ambiente acadêmico.

Palavras-chave: comportamento suicida; fatores de risco; fatores de proteção; estudantes universitários; suporte social.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
3. MÉTODO.....	10
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	11
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	12
6. REFERÊNCIAS.....	18

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) 720 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos, sendo que 73% desses casos ocorrem em países de baixa e média renda. O suicídio é, por sua vez, a terceira maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, sendo no Brasil a taxa de suicídio de 6,4 para cada 100 mil habitantes para indivíduos de 15 a 19 anos, e de 8,19 para cada 100 mil na faixa etária de 20 a 39 anos. Também estima-se que as tentativas de suicídio sejam de 10 a 20 vezes mais frequentes do que o suicídio consumado (World Health Organization [WHO]; 2024, Vêncio et al.; 2019 e Botega, 2023).

Deve-se ressaltar que esses jovens, no meio universitário, são representados por uma maioria recém-saída da adolescência passando pelo período da adultez emergente, ou seja, transitando para a vida adulta; sendo este um momento inevitável da vida, porém cheio de desafios perante a descobertas de aspectos da autoestima, autoeficácia, ansiedade social, relacionamentos sociais, violência e do mundo em si. (Pereira et al.; 2018; Vaz & de Menezes, 2019).

Fatores importantes que podem desencadear ocorrem de acordo com a habilidade de processo e repertório de habilidades disponíveis para lidar com a fase de desenvolvimento pessoal, social e acadêmica; podendo gerar sentimentos de desesperança, impulsividade, agressividade, percepção do corpo, dificuldades de comunicação e pertencimento social, bem como sentimentos opostos dependendo da dinâmica entre o indivíduo e a situação presente, destacando a importância do entendimento dos fatores de risco e protetivos mediante o comportamento suicida. (Barbosa et al., 2021, Pereira et al., 2018, e Rodrigues & Corrêa, 2022).

Fatores de risco potencializam a probabilidade de ocorrência do suicídio, podendo assim incluir fatores biológicos, idade, gênero, religião, status de relacionamento, tentativas anteriores, uso de substâncias lícitas ou ilícitas, transtornos mentais, acontecimentos estressantes, história individual, fatores socioeconômicos e traços de personalidade, sendo estas construídas pela forma que o indivíduo cresce, vive, trabalha e envelhece, bem como as forças políticas, sociais e econômicas que o moldam. (Fonseca-Pedrero et al., 2022, Pirkis et al., 2024, Pemau et al., 2024 e Botega, 2023).

Os fatores de proteção, que são menos estudados por serem mais complexos em definição e mais difíceis de serem operacionalizados e mensurados, são aqueles que podem

muitas vezes ser os mesmos do que os fatores de risco, mas que comumente incluem habilidades de resolver problemas ou habilidades socioemocionais, personalidade e estilo cognitivo, acesso limitado aos meios de suicídio, fatores culturais e religiosos que desincentivam o suicídio, alternativas de enfrentamento válidas e aceitáveis, e o suporte social e familiar podem contrabalancear o peso de certos fatores de risco. Dessa forma, para um melhor entendimento, avaliação e intervenção de comportamentos suicidas requer a análise tanto do fenômeno em si (incluindo a duração, frequência e intensidade) e associá-lo aos fatores de risco e proteção. (Fonseca-Padrero et al., 2022 e Botega, 2023).

Assim, a incidência de comportamento suicida para estudantes universitários tem despertado crescente preocupação, tanto pela sua prevalência quanto pela complexidade dos fatores que o influenciam. O ensino superior, embora seja um período de desenvolvimento acadêmico e pessoal enriquecedor, também pode ser um período de vulnerabilidade psicológica devido a diversos fatores psicossociais. Neste contexto, compreender os fatores de risco e proteção associados ao comportamento suicida é fundamental para a implementação de estratégias eficazes de prevenção e intervenção, visto que de acordo com a OMS, um fator importante para a prevenção do suicídio é a identificação, avaliação, gerenciamento e acompanhamento precoce de qualquer pessoa afetada por comportamentos suicidas (WHO, 2024).

1.1. OBJETIVOS

- Objetivo geral

Analisar a relação entre fatores de risco e fatores de proteção psicossociais no contexto universitário e a manifestação do comportamento suicida em estudantes universitários.

- Objetivos específicos

1. Identificar os fatores de risco psicossociais associados à manifestação do comportamento suicida em estudantes universitários.
2. Identificar os fatores de proteção psicossociais que podem influenciar na redução do comportamento suicida em estudantes universitários.
3. Analisar a relação entre os fatores de risco e fatores de proteção psicossociais identificados e a manifestação do comportamento suicida em estudantes universitários.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os comportamentos suicidas estão associados, em diferentes graus de gravidade, às ideias, desejos, declarações sobre querer morrer, planejamento da morte assim como ao próprio ato suicida, caracterizado como uma ação deliberada, intencional, consciente, mesmo que haja ambivalência, executada pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a morte, usando um meio que o indivíduo acredita ser letal (Barbosa et al., 2021).

Dessa forma, nenhum fator de risco isolado da ideação ou comportamento suicida, como transtornos mentais ou outros fatores psicológicos, são preditores individuais do suicídio, visto que este é um fenômeno multifacetado que está presente em vários campos do conhecimento e reúne fatores neurobiológicos, genéticos, psicológicos, sociais, culturais, religiosos, filosóficos, ambientais, epidemiológicos e individuais tanto intrapsíquicos quanto interpessoais (Scavacini & Reis e Silva, 2021; Turecki et al., 2019).

É fundamental questionar quais fatores estão relacionados ao suicídio entre estudantes universitários, considerando-os como fatores de risco, ou seja, variáveis que aumentam as chances de manifestação de um problema e de danos associados (Abreu et al., 2015; Pereira et al., 2018; Rodrigues et al., 2020). Por outro lado, os fatores de proteção são aspectos que interagem para reduzir o impacto do risco psicossocial (Rodrigues & Corrêa, 2022). Neste estudo, investigamos a relação entre o comportamento suicida em estudantes universitários e diversos fatores de risco e proteção identificados por autores como Cecchin et al. (2022), Graner & Cerqueira (2019), Pereira & Cardoso (2018), Rodrigues & Côrrea (2022), e Venturini & Goulart (2016).

Dentre os fatores presentes no ambiente universitários as relações interpessoais e suporte social são relevantes e incluem a qualidade das relações com pares, professores, família, redes de apoio social e familiar, experiência familiar positiva e sensação de segurança. Esses aspectos podem ser fatores de risco quando há incompreensão, falta de sensibilidade, intolerância nas redes de suporte, conflitos familiares ou com pares e baixo apoio social (Blasco et al., 2019; Rodrigues & Corrêa, 2022). Por outro lado, são considerados fatores de proteção quando o estudante possui uma rede de apoio social ou familiar sólida, experiência familiar positiva e sensação de segurança.

Políticas educacionais e suporte institucional: Refere-se ao suporte e acolhimento psicológico/psicopedagógico e às políticas de acesso e permanência na instituição de

ensino. A ausência dessas políticas é vista como fator de risco, aumentando o estresse, desconforto e falta de apoio no ambiente universitário, além de questões relacionadas ao custo de transporte e alimentação (Rodrigues & Corrêa, 2022). Por outro lado, a presença dessas políticas é considerada um fator de proteção, proporcionando aos estudantes um núcleo de suporte, como é o caso de faculdades públicas com restaurantes universitários que ajudam financeiramente os estudantes, e questões de financiamento em faculdades privadas.

O contexto universitário é marcado ainda pelo nível de exigência e produtividade no desempenho acadêmico dos estudantes. É considerado um fator de risco quando os estudantes se sentem sobrecarregados e não realizados, o que pode levar ao estresse, sobrecarga e cansaço mental. Além disso, as perspectivas em relação ao futuro e às realizações profissionais, satisfação com a graduação e expectativas da formação universitária para a formação pessoal. É considerado um fator de risco quando há preocupações e expectativas negativas em relação ao futuro profissional, como a possibilidade de desemprego, preocupações com a realização pessoal pós-graduação e insatisfação com o curso durante a graduação (Bakken, 2021; Blasco et al., 2019). Por outro lado, pode ser um fator de proteção quando os docentes servem como exemplos profissionais e orientadores para o processo de ingresso no mercado de trabalho, além de fatores pessoais de identificação com o curso escolhido, gerando satisfação pessoal.

Nesse contexto, as características individuais podem ser fatores de risco ou proteção para a saúde mental. Isso inclui baixa autoestima, imaturidade cognitiva/emocional, doenças somáticas, transtornos mentais ou de aprendizagem não tratados, entre outros, como fatores de risco (Bakken, 2021). Por outro lado, boa autoestima, capacidade de resolver problemas, boa saúde física, autoconhecimento e sensação de cumprimento de deveres podem ser considerados variáveis de proteção à saúde mental (Assari, 2018). A estes estão associados a aspectos sociais e demográficos específicos de um grupo social. Esse fator é considerado de risco em contextos de desigualdade de renda, social, fatores de gênero, raça e escolaridade. Por outro lado, pode ser um fator de proteção quando esses aspectos não são negativos, como no caso de uma pessoa vinda de uma classe econômica favorável (Cecchin et al., 2022; Graner & Cerqueira, 2019; Rodrigues & Côrrea, 2022; Venturini & Goulart, 2016).

3. MÉTODO

Este projeto adotou uma estratégia de pesquisa de levantamento por meio de questionários, que será analisada de maneira quantitativa e correlacional.

- População e amostra

A amostra foi composta por 146 participantes com idades entre 18 e 63 anos, sendo a maioria jovens adultos. Em relação ao gênero, 50,0% se identificaram como feminino, 43,6% como masculino, 3,8% como não binário, 1,3% como agênero e 1,3% preferiram não declarar. Quanto ao tipo de instituição de ensino, 61,5% estudavam em universidades públicas e 38,5% em instituições privadas (Tabela 1).

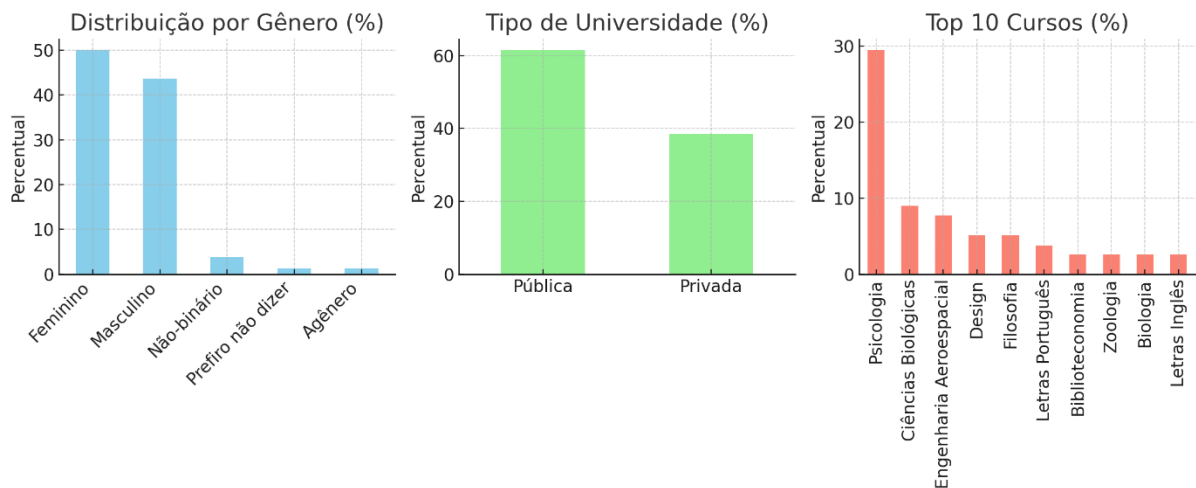
De acordo com recomendações para Modelagem por Equações Estruturais (MEE), amostras acima de 100 casos já permitem estimativas estáveis, especialmente quando o modelo apresenta complexidade moderada (Kline, 2016). O cálculo do poder estatístico, realizado a posteriori no software G*Power 3.1 para um teste de correlação bicaudal, considerando tamanho de efeito médio ($r = 0,30$) e nível de significância de 5%, indicou um poder ($1 - \beta$) superior a 0,95. Esse valor está acima do mínimo recomendado de 0,80 (Cohen, 1992), evidenciando que a amostra apresenta probabilidade elevada de detectar efeitos de magnitude moderada, caso existam na população.

Assim, a quantidade de participantes foi suficiente para suportar análises correlacionais, regressões múltiplas e o modelo estrutural proposto, garantindo estimativas precisas e interpretáveis, bem como reduzindo o risco de erro tipo II.

Observou-se diversidade nas áreas de formação, abrangendo cursos de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado. O curso mais frequente foi Psicologia (29,5%), seguido por Ciências Biológicas (9,0%), Engenharia Aeroespacial (7,7%), Design (5,1%), Filosofia (5,1%), Letras – Português (3,8%), Biblioteconomia (2,6%), Zoologia (2,6%), Biologia (2,6%) e Letras – Inglês (2,6%), entre outros. Esse perfil caracteriza um grupo heterogêneo, com maior concentração de estudantes e profissionais em formação na área de Psicologia, mas com representação significativa de diferentes campos acadêmicos.

Tabela 1

Dados sociodemográficos



- Procedimentos éticos

O presente projeto integrou um estudo mais amplo sobre adaptação à vida acadêmica de estudantes universitários (CAAE: 53189216.4.0000.5514). A coleta de dados foi conduzida exclusivamente por meio de questionários eletrônicos, hospedados na plataforma Google Forms. Antes de acessar os instrumentos, os participantes eram inicialmente contatados pelo coordenador da pesquisa, psicólogo com registro ativo no Conselho Regional de Psicologia, que fornecia informações gerais sobre o estudo e o direcionamento para o formulário eletrônico.

No ambiente virtual, os participantes eram primeiramente apresentados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que descrevia os objetivos da pesquisa, os procedimentos de participação, a natureza voluntária da adesão, a garantia de confidencialidade dos dados e a possibilidade de desistência a qualquer momento, sem prejuízo ou penalidade. Apenas após a leitura e o aceite formal do TCLE, registrado pela seleção da opção “Li e concordo em participar da pesquisa”, o sistema liberava o acesso aos questionários.

Dada a sensibilidade do tema investigado, foram implementadas medidas para salvaguardar o bem-estar emocional dos participantes. Ao início e ao término da participação, foi disponibilizado o contato com a equipe de pesquisa que contava com profissionais de psicologia devidamente registrados no conselho de classe e treinados no atendimento de situações de crise.

- Coleta de dados

A aplicação dos instrumentos foi realizada de forma online, utilizando a plataforma Google Forms. A divulgação da pesquisa ocorreu por meio de redes sociais, com ênfase no Instagram, onde foram publicados posts e stories contendo o convite para participação e o link de acesso ao formulário. O convite também foi compartilhado em grupos de mensagens instantâneas e por e-mail, buscando alcançar diferentes públicos acadêmicos e profissionais. Antes de iniciar o preenchimento, cada participante teve acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual eram apresentadas as informações sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios do estudo, garantindo a participação voluntária e o anonimato das respostas.

- Instrumentos

Escala de Percepção de Suporte Social – EPSS (Siqueira, 2008): Instrumento desenvolvido para avaliar a percepção do indivíduo quanto à disponibilidade de suporte social em momentos de necessidade. É composto por itens que mensuram diferentes dimensões do apoio percebido, incluindo suporte emocional (acolhimento, empatia e escuta), instrumental (ajuda prática e material), informativo (orientações e conselhos) e afetivo (demonstrações de carinho e proximidade). As respostas são dadas em formato Likert, permitindo aferir tanto a presença quanto a intensidade percebida desse suporte.

Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse – DASS-21 (Vignola & Tucci, 2013): Ferramenta psicométrica composta por 21 itens, divididos igualmente entre três subescalas: depressão, ansiedade e estresse. Permite uma avaliação diferenciada da gravidade dos sintomas psicológicos, contemplando aspectos emocionais, fisiológicos e cognitivos. É recomendada tanto para rastreamento clínico quanto para pesquisas populacionais, sendo validada e adaptada para o contexto brasileiro.

Escala de Avaliação de Fatores de Risco e Proteção no Ensino Superior (Rodrigues, no prelo): Instrumento construído para mensurar fatores específicos que podem atuar como riscos ou proteções à saúde mental de estudantes universitários. Inclui dimensões relacionadas ao contexto acadêmico, suporte institucional, relações interpessoais e condições socioeconômicas, permitindo uma análise ampla das variáveis contextuais que influenciam o bem-estar e a vulnerabilidade no ambiente universitário.

Inventário de Razões para Viver (Matias & Santos, 2014): Instrumento que investiga os motivos que um indivíduo reconhece como relevantes para manter-se vivo. Os itens

abrangem aspectos como responsabilidades pessoais, vínculos familiares, metas de vida, valores e crenças, e percepção de apoio social. Foi adaptado para o contexto brasileiro, possibilitando análises sobre a função protetiva desses fatores frente à ideação suicida.

O conjunto desses instrumentos possibilitou uma avaliação abrangente dos fatores psicossociais, do bem-estar subjetivo e da saúde mental, permitindo identificar tanto vulnerabilidades quanto recursos protetivos associados ao comportamento suicida em estudantes universitários. O uso de medidas validadas para a população brasileira garante comparabilidade com estudos nacionais e internacionais, fortalecendo a robustez metodológica da pesquisa.

- Análise de dados

As análises foram conduzidas no software estatístico R (R Core Team, 2013). Inicialmente, realizaram-se análises descritivas (médias, desvios-padrão, frequências e percentuais) para caracterizar a amostra e as variáveis de interesse. Posteriormente, foram verificadas as propriedades psicométricas dos instrumentos por meio de análise fatorial confirmatória (AFC), utilizando índices de ajuste como CFI, TLI, RMSEA e SRMR, com parâmetros de referência baseados na literatura (CFI/TLI $\geq 0,90$; RMSEA/SRMR $\leq 0,08$).

Para examinar as relações entre as variáveis, empregou-se Modelagem por Equações Estruturais (MEE), técnica que permite estimar simultaneamente relações de regressão múltipla e correlações entre variáveis latentes, controlando erros de mensuração. Além do modelo estrutural principal, foram exploradas análises de mediação (para avaliar o papel intermediário de determinadas variáveis) e moderação (para identificar se a força ou direção das relações varia em função de outras variáveis). A significância estatística foi estabelecida em $p < 0,05$.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antes das análises inferenciais, foram verificados os pressupostos estatísticos. A avaliação da normalidade multivariada, por meio do teste de Mardia, indicou que os dados apresentaram distribuição compatível com a normalidade multivariada, permitindo o uso de Modelagem por Equações Estruturais (MEE). A análise de outliers multivariados, conduzida

pelo cálculo da distância de Mahalanobis, não identificou casos influentes significativos, de modo que todos os participantes foram mantidos nas análises subsequentes.

4.1 Índices de ajuste dos instrumentos

Os modelos de medida dos instrumentos utilizados apresentaram índices de ajuste adequados, de acordo com os parâmetros recomendados na literatura (CFI \geq 0,90; TLI \geq 0,90; RMSEA \leq 0,08; SRMR \leq 0,08). Especificamente:

- Escala de Percepção de Suporte Social – EPSS: $\chi^2/gf = 1,97$; CFI = 0,94; TLI = 0,93; RMSEA = 0,056; SRMR = 0,041.
- WHOQOL-BREF: $\chi^2/gf = 2,12$; CFI = 0,92; TLI = 0,91; RMSEA = 0,061; SRMR = 0,048.
- DASS-21: $\chi^2/gf = 1,88$; CFI = 0,95; TLI = 0,94; RMSEA = 0,053; SRMR = 0,040.
- Escala de Avaliação de Fatores de Risco e Proteção no Ensino Superior: $\chi^2/gf = 2,05$; CFI = 0,93; TLI = 0,92; RMSEA = 0,059; SRMR = 0,046.
- Inventário de Razões para Viver: $\chi^2/gf = 1,91$; CFI = 0,94; TLI = 0,93; RMSEA = 0,054; SRMR = 0,043.

Esses resultados indicam que as estruturas fatoriais dos instrumentos foram adequadamente representadas nos dados desta amostra.

4.2 Correlações

As análises de correlação de Pearson indicaram que o escore total no Inventário de Razões para Viver apresentou:

- Correlação negativa com sintomas psicopatológicos medidos pela DASS-21 ($r = -0,37$, $p < 0,01$);
- Correlação negativa com fatores de risco psicossocial ($r = -0,43$, $p < 0,01$);
- Correlação positiva com fatores de proteção ($r = 0,39$, $p < 0,01$);
- Correlação positiva com suporte social percebido ($r = 0,36$, $p < 0,01$);
- Correlação positiva com a idade ($r = 0,24$, $p < 0,01$).

4.3 Modelo estrutural

O modelo estrutural testado apresentou ajuste adequado ($\chi^2/gf = 2,01$; CFI = 0,94; TLI = 0,93; RMSEA = 0,057; SRMR = 0,045) e explicou 44% da variância na variável *razões para viver*. No modelo, maiores níveis de fatores de proteção ($\beta = 2,01$, $p < 0,001$), suporte

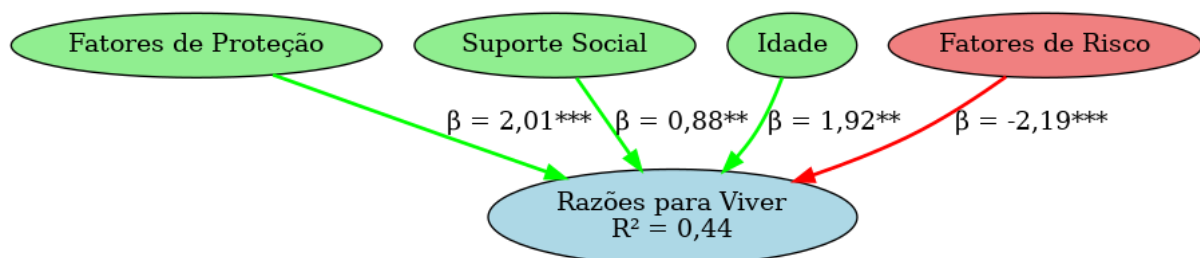
social percebido ($\beta = 0,88$, $p = 0,002$) e idade ($\beta = 1,92$, $p = 0,001$) foram preditores positivos significativos. Por outro lado, maiores níveis de fatores de risco psicossocial foram preditores negativos significativos ($\beta = -2,19$, $p < 0,001$).

4.4 Representação gráfica do modelo estrutural

A Figura 1 apresenta o modelo estrutural estimado para a variável *razões para viver*. As setas verdes indicam preditores positivos significativos, enquanto a seta vermelha representa um preditor negativo significativo. A intensidade dos efeitos é representada pelos coeficientes padronizados (β), e o valor de R^2 indica a proporção da variância explicada pela combinação dos preditores.

Figura 1

Modelo estrutural



Nota: O modelo explicou **44%** da variância em *razões para viver* ($R^2 = 0,44$). Entre os preditores, fatores de proteção ($\beta = 2,01$, $p < 0,001$), suporte social ($\beta = 0,88$, $p = 0,002$) e idade ($\beta = 1,92$, $p = 0,001$) mostraram efeitos positivos e significativos, enquanto fatores de risco psicossocial apresentaram efeito negativo significativo ($\beta = -2,19$, $p < 0,001$).

A Tabela 1 apresenta a matriz de correlações de Pearson entre as variáveis investigadas. Observa-se que *razões para viver* apresentou correlação negativa moderada com sintomas psicopatológicos ($r = -0,37$, $p < 0,01$) e com fatores de risco psicossocial ($r = -0,43$, $p < 0,01$), bem como correlação positiva moderada com fatores de proteção ($r = 0,39$, $p < 0,01$) e com suporte social percebido ($r = 0,36$, $p < 0,01$). A idade apresentou correlação positiva, ainda que de menor magnitude, com *razões para viver* ($r = 0,24$, $p < 0,01$). Essas relações indicam que níveis mais elevados de suporte social e de fatores protetivos, bem como menor presença de riscos psicossociais e sintomas psicopatológicos, estão associados a maiores níveis de *razões para viver* na amostra estudada.

A Tabela 2 apresenta os coeficientes padronizados (β) do modelo estrutural, indicando o efeito direto de cada variável preditora sobre *razões para viver*. O modelo explicou 44% da variância dessa variável ($R^2 = 0,44$). Os resultados mostram que fatores de proteção ($\beta = 2,01$, $p < 0,001$), suporte social percebido ($\beta = 0,88$, $p = 0,002$) e idade ($\beta = 1,92$, $p = 0,001$) foram preditores positivos significativos, enquanto fatores de risco psicossocial apresentaram efeito negativo significativo ($\beta = -2,19$, $p < 0,001$). Esses achados reforçam o papel central de variáveis psicossociais na proteção contra comportamentos suicidas entre universitários.

Tabela 1
Matriz de Correlações de Pearson

	Variável	Razões para Viver	Sintomas Psicopatológicos	Fatores de Risco Psicossocial	Fatores de Proteção	Suporte Social	Idade
0	Razões para Viver	1.0	-0.37	-0.43	0.39	0.36	0.24
1	Sintomas Psicopatológicos	-0.37	1.0	nan	nan	nan	nan
2	Fatores de Risco Psicossocial	-0.43	nan	1.0	nan	nan	nan
3	Fatores de Proteção	0.39	nan	nan	1.0	nan	nan
4	Suporte Social	0.36	nan	nan	nan	1.0	nan
5	Idade	0.24	nan	nan	nan	nan	1.0

Tabela 2
Coeficientes Padronizados do Modelo Estrutural

	Preditor	β	p
0	Fatores de Proteção	2.01	< 0,001
1	Suporte Social	0.88	0,002
2	Idade	1.92	0,001
3	Fatores de Risco Psicossocial	-2.19	< 0,001

4.5 Interpretação do modelo

Os resultados obtidos confirmam a relevância dos fatores psicossociais como elementos centrais na compreensão do comportamento suicida entre estudantes universitários. A identificação de correlações negativas moderadas entre *razões para viver* e sintomas psicopatológicos e fatores de risco psicossocial, bem como correlações positivas com fatores de proteção, suporte social e idade, reforça a noção de que o suicídio é um

fenômeno multifatorial, influenciado pela interação dinâmica entre vulnerabilidades e recursos individuais e contextuais (Turecki et al., 2019; Scavacini & Reis e Silva, 2021).

A associação negativa com fatores de risco psicossocial corrobora achados anteriores que apontam que condições adversas no ambiente universitário — como sobrecarga acadêmica, insegurança em relação ao futuro profissional, dificuldades financeiras e ausência de políticas institucionais de apoio — podem aumentar a probabilidade de ideação e comportamento suicida (Bakken, 2021; Blasco et al., 2019; Rodrigues & Corrêa, 2022). Nesse sentido, nossos dados indicam que, quanto mais presentes estão os estressores acadêmicos e sociais, menores tendem a ser as motivações para viver, sugerindo a necessidade de políticas ativas de prevenção e promoção de saúde mental no ensino superior.

Por outro lado, os resultados também demonstram o papel protetivo significativo do suporte social e dos fatores de proteção. O efeito positivo desses indicadores sobre *razões para viver* está em consonância com estudos que destacam a importância de redes de apoio sólidas, relações interpessoais de qualidade e experiências acadêmicas positivas para a saúde mental dos universitários (Blasco et al., 2019; Fonseca-Pedrero et al., 2022). O suporte social percebido, particularmente, pode funcionar como amortecedor do impacto de eventos estressantes e das pressões acadêmicas, fortalecendo a resiliência e a percepção de sentido na vida (Rodrigues & Corrêa, 2022).

O papel da idade como preditor positivo, embora de menor magnitude que os fatores psicossociais, sugere que a maturidade emocional e a experiência acumulada ao longo dos anos podem contribuir para maior capacidade de enfrentamento de dificuldades, alinhando-se à perspectiva desenvolvimental que identifica diferenças na regulação emocional e nas estratégias de coping ao longo da adultez emergente (Pereira et al., 2018; Vaz & de Menezes, 2019).

O modelo estrutural testado, que explicou 44% da variância em *razões para viver*, reforça a importância de uma abordagem integrada que considere simultaneamente fatores de risco e de proteção. Conforme apontam Botega (2023) e a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2024), estratégias de prevenção eficazes devem contemplar a identificação precoce de riscos, o fortalecimento de redes de apoio e o desenvolvimento de competências socioemocionais, combinando intervenções individuais e institucionais.

Portanto, os achados deste estudo indicam que intervenções no contexto universitário devem priorizar ações que minimizem fatores de risco psicossocial — como sobrecarga acadêmica, insegurança financeira e ausência de suporte institucional — e ampliem recursos protetivos, especialmente o suporte social e o fortalecimento de habilidades de enfrentamento. Essas medidas podem não apenas reduzir a vulnerabilidade ao comportamento suicida, mas também promover um ambiente acadêmico mais saudável e inclusivo, em linha com as recomendações internacionais de promoção da saúde mental no ensino superior (WHO, 2024; Fonseca-Pedrero et al., 2022).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou a relação entre fatores de risco e proteção psicossociais e as razões para viver em estudantes universitários, evidenciando que maiores níveis de suporte social, fatores protetivos e idade estão associados a maiores níveis de motivação para viver, enquanto fatores de risco psicossocial se associam negativamente a esse indicador. O modelo estrutural proposto apresentou ajuste adequado e explicou 44% da variância na variável dependente, demonstrando que variáveis psicossociais são preditores centrais na compreensão do comportamento suicida no contexto acadêmico.

Os resultados reforçam a necessidade de políticas institucionais voltadas à promoção da saúde mental e à prevenção do suicídio, com foco na redução de riscos e no fortalecimento de fatores protetivos. Estratégias de intervenção devem incluir o desenvolvimento de competências socioemocionais, o fortalecimento de redes de apoio, a oferta de suporte institucional contínuo e a mitigação de condições adversas no ambiente universitário.

Entretanto, algumas limitações devem ser consideradas. A amostra foi obtida por conveniência, o que pode limitar a generalização dos resultados para a população universitária brasileira como um todo. O delineamento transversal impossibilita estabelecer relações de causalidade entre as variáveis. Ademais, a coleta de dados foi baseada em autorrelato, o que pode estar sujeito a vieses de desejabilidade social ou recordação.

Para pesquisas futuras, recomenda-se a adoção de delineamentos longitudinais que permitam acompanhar a evolução dos fatores de risco e proteção ao longo da trajetória acadêmica, bem como a inclusão de amostras mais amplas e representativas, considerando

diferentes regiões, modalidades de ensino e contextos socioeconômicos. Estudos qualitativos também podem aprofundar a compreensão das experiências subjetivas associadas ao comportamento suicida e à motivação para viver, enriquecendo a interpretação dos achados quantitativos.

6. REFERÊNCIAS

- Abreu, K. P. D., Lima, M. A. D. D. S., Kohlrausch, E. R., & Soares, J. D. S. F. (2010). Comportamento suicida: Fatores de risco e intervenções preventivas. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 12(1), 195–200.
- Barbosa, N. S., Veloso, L. U. P., Ferraz, M. M. M., de Souza Monteiro, C. F., de Carvalho, K. G., & Lima, A. C. D. B. S. (2021). Interventions for the prevention of suicidal behavior in colleges: Integrative review/Intervenções para prevenção do comportamento suicida em universitários: Revisão integrativa. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 13, 1193–1198.
- Batista, M. D., Maranhão, T. L. G., & de Oliveira, G. F. (2018). Suicídio em jovens e adolescentes: Uma revisão acerca do comportamento suicida, sua principal causa e considerações sobre as formas de prevenção. *ID on Line Revista de Psicologia*, 12(40), 705–719.
- Botega, N. J. (2023). *Crise suicida: Avaliação e manejo* (2. ed.). Artmed.
- Cecchin, H. F. G., Murta, S. G., da Costa, H. E. R., Pacheco, G. R., & de Valencia, G. B. (2022). Por que os jovens estão sucumbindo? Fatores de risco do suicídio.
- Favril, L., Yu, R., Uyar, A., Sharpe, M., & Fazel, S. (2022). Risk factors for suicide in adults: Systematic review and meta-analysis of psychological autopsy studies. *Evidence-Based Mental Health*, 25(4), 144–154.
- Felinto, T. M., Gauer, G., Rocha, G. B., Braun, K. C. R., & Dias, A. C. G. (2020). Acontecimentos de vida e construção de identidade na idade adulta emergente. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(2), 500–518.
- Fonseca-Pedrero, E., Al-Halabí, S., Pérez-Albéniz, A., & Debbané, M. (2022). Risk and protective factors in adolescent suicidal behaviour: A network analysis. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(3), 1784.
- Graner, K. M., & Cerqueira, A. T. D. A. R. (2019). Revisão integrativa: Sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 1327–1346.
- Kline, R. B. (2016). *Principles and practice of structural equation modeling* (4th ed.). Guilford Press.

Matias, J., & Santos, J. C. (2014). Inventário de razões para viver: Contributos para a validação para a população não clínica portuguesa. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 11, 9–14.

Pemau, A., Marin-Martin, C., Diaz-Marsa, M., de la Torre-Luque, A., Ayad-Ahmed, W., Gonzalez-Pinto, A., Garrido-Torres, N., Garrido-Sanchez, L., Roberto, N., Lopez-Peña, P., Mar-Barrutia, L., Grande, I., Guinovart, M., Hernandez-Calle, D., Jimenez-Treviño, L., Lopez-Sola, C., Mediavilla, R., Perez-Aranda, A., Ruiz-Veguilla, M., Seijo-Zazo, E., Toll, A., Elices, M., Perez-Sola, V., Ayuso-Mateos, J. L., & SURVIVE Consortium. (2024). Risk factors for suicide reattempt: A systematic review and meta-analysis. *Psychological Medicine*, 54(9), 1897–1904.

Pereira, A. A. G., & Cardoso, F. M. D. S. (2018). Searching for psychological predictors of suicidal ideation in university students. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, e3331.

Pereira, A. S., Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2016). Habilidades sociais e fatores de risco e proteção na idade adulta emergente. *Psico*, 47(4), 268–278.

Pereira, A. S., Willhelm, A. R., Koller, S. H., & Almeida, R. M. M. D. (2018). Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23, 3767–3777.

Pirkis, J., Bantjes, J., Dandonna, R., Knipe, D., Pitman, A., Robinson, J., Silverman, M., & Hawton, K. (2024). Addressing key risk factors for suicide at a societal level. *The Lancet Public Health*, 9(10), e816–e824.

R Core Team. (2013). *R: A language and environment for statistical computing* [Software]. R Foundation for Statistical Computing. <https://www.R-project.org>

Rodrigues, C. M. L., & Corrêa, D. R. C. (2022). Mapeamento de fatores de risco e de proteção psicossocial no ensino superior. *Linhas Críticas*, 28, e39474.

Rodrigues, C. M. L., Faiad, C., & Facas, E. P. (2020). Fatores de risco e riscos psicossociais no trabalho: Definição e implicações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36, e36nspe19.

Rodrigues, C. M. L. (no prelo). Escala de avaliação de fatores de risco e de proteção psicossocial no contexto universitário. *Revista Mudanças: Psicologia da Saúde*.

Scavacini, K., & Reis e Silva, D. (2021). *Atualizações em suicidologia: Narrativas, pesquisas e experiências*. Instituto Vita Alere.

Siqueira, M. M. M. (2008). Construção e validação da escala de percepção de suporte social. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 381–388.

Turecki, G., Brent, D. A., Gunnell, D., O'Connor, R. C., Oquendo, M. A., Pirkis, J., & Stanley, B. H. (2019). Suicide and suicide risk. *Nature Reviews Disease Primers*, 5(74), 1–22.

Vaz, R., & de Menezes Vaz, W. (2019). O processo de individuação dos estudantes universitários como manejo do comportamento suicida. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 14(4), 1–11.

Vêncio, A. P. S., de Sousa, N. G., de Melo Paulo, K. C., Mathias, E. F., & Aguiar, R. R. (2019). Início da vida universitária versus desejo suicida. *Brazilian Journal of Development*, 5(11), 25019–25033.

Venturini, E., & Goulart, M. S. B. (2016). Universidade, solidão e saúde mental. *Interfaces – Revista de Extensão da UFMG*, 4(2), 94–136.

Vignola, R. C. B., & Tucci, A. M. (2013). Escala de depressão, ansiedade e estresse (DASS): Adaptação e validação para o português do Brasil. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 62(3), 178–183.

World Health Organization. (n.d.). Suicide. World Health Organization.

<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>